

UM BREVE ESTUDO SOBRE

**A UNIDADE
DA IGREJA DE CRISTO**



SOCIEDADE PELA

REFORMA

INTRODUÇÃO

“... uma é a minha pomba, a minha imaculada, a única de sua mãe, e a mais querida daquela que a deu à luz; viram-na as filhas e chamaram-na bem-aventurada, as rainhas e as concubinas louvaram-na.”

Cânticos 6:9

O livro de Cantares é um livro amplamente conhecido pela sua estrutura poética e é concebido dentro da perspectiva de um relacionamento conjugal. Paulo, ao escrever aos Efésios, exorta sobre o relacionamento conjugal com base em outro relacionamento: *o de Cristo e a Sua Igreja*. Portanto, observando o princípio deixado pelo apóstolo, temos que em todo lugar em que Deus fala sobre o relacionamento entre Cristo e a Igreja, podemos extrair uma lição quanto ao relacionamento conjugal, e, do mesmo modo, quando as Escrituras falam a respeito do relacionamento conjugal, podemos extrair algo a respeito do relacionamento entre a Igreja e o Seu Cristo. Com base nesse princípio, quando olhamos para o livro de Cantares e vemos a Escritura dizendo que o homem deve amar a sua noiva e que ela é única, isso também significa que Cristo ama a Sua Igreja e a tem como uma única igreja.

Isso então nos leva ao nosso objeto principal de estudo: a *catolicidade* ou a *universalidade* da Igreja Invisível

de Cristo. Por **catolicidade**, não nos referimos à igreja papista de Roma que se auto-intitula “*católica*” e onde o papa se assenta com suas doutrinas anticristãs, mas sim àquele conceito utilizado pelos cristãos do passado ao se referirem à unidade e universalidade da Igreja de Cristo. Por **Igreja Invisível**, entendemos como aquela que é composta por aquele “número total de eleitos que foram, são ou serão unidos em um, sob Cristo” (cf. Confissão de Fé de Westminster XXV.I), ou seja, aquela que possui uma única fé que nos une à mesma única igreja dos nossos irmãos do passado (desde o Antigo Testamento) e da mesma única igreja daqueles irmãos que ainda crerão em Cristo. Enquanto isso, a Igreja Visível é composta por aqueles que em todo lugar professam Cristo com os seus lábios e que estão em aliança com Ele. Por ser a Igreja Invisível o corpo místico de Cristo, cabe à Igreja Visível, a qual se encontra militando nessa vida, imitar em tudo a sua igreja invisível, desde a sua pureza até a sua unidade.

A catolicidade da Igreja Invisível de Cristo se resume, basicamente, em dois pontos principais, a saber, que esta Igreja é uma 1) *no tempo* e 2) *no espaço*, ou seja, que ela não está restrita a um lugar no universo e nem a algum ponto determinado no fluxo do tempo, antes, ela está difundida por toda parte. Aqueles que, em um determinado local, professam com a boca e creem verdadeiramente em seus corações que Cristo é o Senhor, fazem parte da mesma igreja daqueles eleitos que, em outro lugar do planeta, também professam com a boca e creem para a salvação que Cristo

é o Senhor. Aqueles que, no século XXI, professam com a boca e creem verdadeiramente em seus corações que Cristo é o Senhor, fazem parte da mesma igreja daqueles eleitos que, em outro século, também professaram com a boca e creram para a salvação que Cristo é o Senhor, assim como também fazem parte da mesma igreja daqueles que assim também ainda o farão. Sobre isto, Gregório de Nazianzo, diz:

“Nosso Criador tem uma vinha universal (ou seja, a igreja) que, desde Abel, o justo, até o último eleito que ainda nascerá, manifesta tantos santos quantos ela produz ramos”.

Portanto, assim como é dito em Cantares, Cristo se refere à sua igreja como sua imaculada, uma e única, “*a mais querida daquela que a deu à luz*”. Esse maravilhoso fato, isto é, de poder fazer parte da mesma santa e imaculada Igreja que homens em outros lugares no tempo e no espaço também pertenceram, só é possível quando nós temos unidade 1) *no corpo*, 2) *no mesmo cabeça* (que é Cristo), 3) *no espírito*, 4) *na fé* e 5) nos seus efeitos, a saber, *no amor e na esperança*, pontos estes que trataremos adiante.

CAPÍTULO I

A UNIDADE NO CORPO

Uma das figuras utilizadas no Novo Testamento para se referir à Igreja de Cristo é que ela é um só corpo. Paulo assim o diz em **1 Coríntios 12.12 e 13**:

*“Porque, assim como o corpo é **um**, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são **um só corpo**, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em **um Espírito**, formando **um corpo**, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de **um Espírito**.”*

Portanto, Paulo aqui nos ensina que, independentemente de etnia, raça, classe social ou qualquer outro aspecto, uma vez que cremos em Cristo para a salvação, passamos a formar um só corpo com “*muitos membros, e [estes] membros [...] são um só corpo*”, pois “*assim é Cristo também*”. A Igreja pode ser chamada de corpo de Cristo pois, assim como uma mulher ao se casar se torna uma só carne com o seu marido, da mesma forma, a Igreja, a noiva de Cristo, se torna um só corpo com o seu noivo, e aquela que é osso dos ossos de Cristo e carne da carne de Cristo.

Assim como Cristo é o noivo da Igreja, ele também é o pastor de um único rebanho. Assim diz Cristo em **João 10.16**:

*“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá **UM** rebanho e **UM** Pastor.”*

Aqui não é dito sobre rebanhos ou de pastores como se fossem muitos, porém, Cristo diz claramente que possui somente *um único* rebanho, e aquele quem o conduz é igualmente *um único* pastor. Dessa forma, vemos que, quer sejam gentios ou judeus, ambos pertencem a um único rebanho, o mesmo rebanho ao qual pertenciam os eleitos presentes no antigo testamento que eram salvos por meio do mesmo sangue de Cristo em que fomos salvos.

Por ser Cristo apenas um, a Igreja pode ser chamada como aquela que é a sua única noiva, pois Cristo é o seu amável noivo; Ela pode ser comparada a único rebanho somente, pois o seu pastor é apenas um; Ela pode ser comparada com uma grande e única nação, pois o seu Rei é apenas um; Ela pode ser chamada de um grande edifício, pois o seu arquiteto é apenas um e a pedra sobre a qual Ela se fundamenta é apenas uma.

Assim, a Igreja de Cristo é apenas uma única igreja, pois o seu cabeça é apenas um.

CAPÍTULO II

A UNIDADE NO MESMO CABEÇA

Por ser a Igreja o corpo de Cristo, as Escrituras também se referem a Ele como aquEle que é o “**cabeça** sobre todas as coisas” (Efésios 1.22). Assim é o corpo! Sem uma cabeça ele é incapaz de funcionar, ele é incapaz de se mexer ou de executar qualquer tarefa e até mesmo incapaz de pensar. Assim também é a igreja, ou seja, incapaz de executar qualquer comando sem o seu cabeça.

Tendo em conta o que foi dito, consideremos o quão estranho seria um corpo com duas cabeças, ou uma cabeça operando dois corpos diferentes ao mesmo tempo. A Igreja, então, não pode ter mais de um cabeça, pois teria que corresponder a algum deles e obedecer ao comando de um e desprezar o outro (Mateus 6.24). Da mesma forma, Cristo que é o cabeça, não pode ter dois corpos, pois, com Sua grandiosa obra, uniu os que estavam perto e os que estavam longe em um único povo (Efésios 2.14, 19). Cristo, o cabeça, não pode ter dois corpos, pois, como vimos anteriormente, ele possui uma única noiva, um único rebanho, uma única nação e um único edifício.

Agostinho, comentando o Salmo 62 e o 90 respectivamente, disse:

“Toda sua igreja, que se difunde por toda parte, é seu corpo, do qual ele é também o Cabeça; no entanto, não só os crentes do

presente, mas também os que foram antes de nós, bem como os que serão depois de nós, até o fim do mundo, todos pertencem ao seu corpo”

“O corpo deste Cabeça é a igreja, não aquela que está neste lugar, mas a que está neste lugar e por todo o mundo; não aquela que pertence a este tempo, mas a que existiu desde o próprio Abel, abrangendo a todos os que ainda nascerão e que crerão em Cristo; todo o povo dos santos pertencentes a um só estado, o qual é o corpo de Cristo”

CAPÍTULO III

A UNIDADE NO ESPÍRITO

Se a Igreja é o único corpo de Cristo, e Cristo o único cabeça da Igreja, é necessário que aquilo que opera nesse corpo seja o mesmo espírito, pois é impossível que partes do mesmo corpo sejam governadas por espíritos diferentes. Paulo diz que a Igreja é “*um só corpo*” e que deve operar nela “*um só espírito*” (**Efésios 4.4**) e, em outro lugar ele diz que aquele “*que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito*” (**1 Coríntios 6.17**). Do mesmo modo, o profeta Isaías, ao falar do Seu povo, diz que Deus faria repousar “*sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor*” (**Isaías 11.2**). Este que opera na Igreja, é “*um só e o mesmo Espírito [que] opera todas estas coisas*” (**1 Coríntios 12.11**).

Portanto, da mesma forma como o corpo de Cristo tem que ser apenas um e precisa estar sob um só cabeça que é o próprio Cristo, o Espírito que nele opera deve ser igualmente um. Este espírito é o mesmo espírito prometido por Isaías, o qual daria *sabedoria, entendimento, conselho, força, conhecimento e temor*. Este Espírito é aquele que permite que o corpo de Cristo seja um entre si e com o seu cabeça, da mesma forma como Cristo é um com o Pai (**João 17.22; 1 João 5.7**).

CAPÍTULO IV

A UNIDADE NA FÉ

No coração do homem natural, pode haver vários tipos de fé (histórica, temporal ou miraculosa). Histórica pois ele pode crer em verdades históricas, temporal pois pode crer em algo que é dito em determinado momento, ou miraculosa pois pode até mesmo crer em operações sobrenaturais, tipos estes de fé que inclusive demônios são capazes de exercer, e que pode até produzir neles algum temor (Tiago 2.19). Porém, a fé salvadora ou salvífica somente pode surgir no coração do homem se antes ele tiver recebido uma nova natureza, pois o homem natural é incapaz de crer para a salvação por si só. Primeiro, Deus precisa chamar o seu eleito e, uma vez que o Espírito produza nele uma nova natureza, este não pode resistir ao chamado de Deus e só lhe resta responder positivamente a este chamado dizendo “Eis-nos aqui, vimos a ti; porque [...] Tu és meu Deus! [...] O teu rosto, Senhor, buscarei.” (Jeremias 3.22; Oséias 2.23; Salmo 27.8). Esta fé, que não vem do homem mas que é um presente de Deus, é uma única fé produzida por um só Espírito (Efésios 4.4 e 5). Portanto, se um deve ser o corpo, o cabeça e o Espírito, é esperado que a fé produzida por este Espírito seja igualmente única.

Esta mesma fé é que traz unidade entre a Igreja no Antigo Testamento e a Igreja no Novo Testamento. As leis em si não eram sufi cientes para salvar o homem, pois era

“impossível que o sangue dos touros e dos bodes [retirassem] os pecados” do povo (Hebreus 10.4). Assim, a lei funciona como um tutor até Cristo. Uma vez que o povo, no Antigo Testamento, por meio da fé, confiava nas ordens do seu Senhor, esse mesmo povo, por meio da mesma fé, era salvo pelos méritos de Cristo, pois este, que já havia sido “morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13.8), é também aquele mesmo Cristo que salva a igreja de “ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13.8).

Desse modo, uma vez que a fé que foi entregue aos santos nos coloca debaixo do mesmo Cristo - fé esta que possibilita a unidade da Igreja em qualquer lugar em que ela se encontra -, esta mesma unidade na fé não é uma opção, ela é uma ordem. O mesmo Espírito que foi derramado na Igreja em tempos passados para lhe conceder uma só sabedoria, um só entendimento, um só conselho, uma só força, um só conhecimento e um só temor, como vimos em Isaías 11, é o mesmo Espírito que faz o mesmo hoje, assim como também faz com que todos nós “cheguemos à unidade da fé” (Efésios 4.13). Sabemos que apenas conseguiremos atender a isso plenamente quando estivermos com Cristo nos ares, quando não teremos mais a barreira do pecado nos impedindo. Porém, essa é uma verdade que se aplica à toda nossa vida de obediência ao nosso Senhor. Somente quando estivermos com Cristo nos céus, estaremos livres de quebrar a Lei de Deus em qualquer grau, mas nem por isso devemos deixar de buscar a obediência à Sua Lei nessa vida, mesmo que ainda o façamos com imperfeição. Assim

também é com a unidade da fé.

Irineu, discorrendo sobre o assunto disse:

“Visto que ela recebeu esta pregação e esta fé, como já dissemos, a igreja diligentemente a guarda como que habitando numa só casa, e crê de modo semelhante a eles como que tendo uma só mente e um só coração, e prega, e ensina, e crê nestas coisas harmoniosamente, como que possuindo uma só boca, pois embora no mundo os idiomas não sejam semelhantes, no entanto as tradições (i.e., as doutrinas do credo enunciadas na Escritura) são uma e a mesma; não que as igrejas fundadas na Alemanha criam e ensinem de outro modo, nem as da Espanha etc. Porém, como o sol, criatura de Deus, é um e o mesmo no universo, assim também a luz da pregação da verdade resplandece por toda parte, e ilumina todos os homens que desejam vir ao conhecimento da verdade”

Assim, a Igreja deve possuir uma mesma fé, um só Espírito operando nela, um só cabeça que a comanda e um único corpo.

CAPÍTULO V

A UNIDADE NO AMOR E NA ESPERANÇA

Por ser a fé uma única fé, o efeito que ela produz em nós por meio do Espírito Santo, tem que ser um e o mesmo, a saber, o mesmo amor e a mesma esperança.

O amor, de acordo com a Palavra de Deus, requer de nós nada menos do que todo o nosso ser, e, deste modo, devemos fazer em relação ao próprio Deus e ao nosso próximo. Sem este mesmo amor, é impossível que haja aquele vínculo de perfeição no corpo de Cristo (**Colossenses 3.14**), o qual é como uma forte liga de cimento que permite que o edifício de Cristo seja edificado de forma bem ajustada (**Efésios 4.16**). Era isso que permitia com que os discípulos perseverassem “*unânimes todos os dias no templo, partindo o pão juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus*” (**Atos 2.46**), e foi isso que Cristo pediu ao Pai no capítulo 17 de João:

*Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envieio ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade. E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela tua palavra hão de crer em mim; para que todos **sejam um**, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; **que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste**. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que **sejam um, como nós somos um**. Eu neles, e tu*

*em mim, para que **eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim.***

João 17:18-23

Portanto, como o próprio Cristo nos ensina por meio da sua oração, a unidade da Igreja santifica **(v. 19)** e glorifica **(v. 22)** o nome de Deus. A unidade da igreja foi o modo que Deus escolheu para que o mundo crese que Cristo foi enviado por Deus. Ele ora para “*que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste*” **(v. 21)**. E mais uma vez ele reforça sua petição para que os membros da sua amada Igreja fossem “*perfeitos em unidade para que o mundo conheça que tu me enviaste*”. Se a Igreja fracassa nesse objetivo, ela mesma cria uma barreira para que Cristo seja crido entre as nações.

Essa fé também deve gerar em nós uma só esperança. Quando Cristo nos une em um só corpo, eles nos dá um só Espírito, Espírito este que nos dá uma só fé que gera em nós um só amor e uma só esperança **(Efésios 4.4 e 5)**. Essa esperança tira os nossos olhos das coisas deste mundo e coloca os nossos olhos em Cristo; tira os olhos do nosso egoísmo e coloca os nossos olhos no autor e no consumidor de nossa fé; tira os olhos de nós mesmos e coloca os nossos olhos na Igreja de Cristo. E somente por meio “*da [mesma] esperança que vos está reservada nos céus*” **(Colossenses 1.5)** nós podemos caminhar juntos como um só corpo

firmados no mesmo cabeça com um só objetivo: a nossa pátria celeste.

As igrejas que ignoram esta esperança, colocam a sua fé em profecias mentirosas, ou seja, em esperanças que Deus não prometeu e que são entregues por verdadeiras bocas de Satanás. Qualquer outra esperança como a teologia da prosperidade ou as falsas profecias, normalmente anunciadas em púlpitos pentecostais, visam nada menos do que colocar a nossa esperança em coisas desse mundo. Quando estes assim o fazem, agem como Satanás nos oferecendo as coisas deste mundo. Estes são verdadeiros falsos profetas pois ensinam a igreja a ter outra esperança que não é a esperança que nos é entregue pelo Espírito de Deus, mas aquela que é entregue pelo espírito do diabo.

CAPÍTULO VI

CONTRA OS ROMANISTAS

Diante de tudo que acabamos de considerar, devemos observar algumas aplicações.

Se a fé foi legada aos santos (do passado, do presente e do futuro) que constituem o corpo místico de Cristo, logo, é impossível que a Igreja esteja restringida sob o domínio de Roma. A igreja de Cristo, enquanto no Antigo Testamento, esteve dentro dos limites de Israel, povo este que recebeu os oráculos de Deus. Quando chegamos à nova aliança, não há mais judeus e nem gentios, Cristo derrubou a barreira de inimizade que havia entre os povos e fez dos dois apenas um. Afirmar que a Igreja, que outrora estava em Israel, agora está restrita à Roma, é, antes de tudo, negar a realidade que Cristo conquistou por meio do seu sangue.

Portanto, a igreja católica não é romana. Cristo não desfez aquela grande barreira entre judeus e gentios para levantar outra entre os romanos e o resto dos homens espalhados na terra.

Além disso o papa é considerado pelos romanistas como o cabeça da igreja. Isso em nada é coerente com as Escrituras pois, como vimos, há apenas um cabeça sobre a igreja que é Cristo. Afirmar o contrário é dizer que a igreja de Cristo é um grande monstro com duas cabeças e que uma delas é o principal inimigo da outra.

Assim, a Igreja de Cristo não está restrita a uma nação e

nem possui alguma outra cabeça além de Cristo, antes, ela se encontra em todo lugar e em todo momento professando ser Cristo o seu único e verdadeiro cabeça.

CAPÍTULO VII

CONTRA O DENOMINACIONALISMO

Em nosso século, tornou-se comum a prática de inaugurar a cada esquina uma nova igreja. Além disso, hoje temos uma quantidade grande de denominações evangélicas que, em vez de procurar a unidade na fé, agem por si mesmas.

Como vimos anteriormente, o corpo de Cristo não pode estar dividido. Precisamos voltar a ter tudo em comum assim como a igreja na era apostólica. Precisamos ter um só Espírito que gere em nós a mesma fé. Caso contrário, estaremos lutando contra o próprio corpo de Cristo, seremos como alguém que dá murros em sua própria face enquanto uma das mãos se apressa para pegar os dardos inflamados de Satanás para ferir o próprio peito. Ninguém em sã consciência diria que um corpo que se comporta desta maneira é um corpo são, mas que, por estar doente, precisa ser tratado. Infelizmente é assim que a igreja visível de Cristo se encontra hoje, longe da realidade que é a Igreja Invisível.

Como vimos em **Isaiás 11.2**, a fé é responsável por gerar no corpo a mesma sabedoria, entendimento, conselho, força, conhecimento e temor. Com isso, não basta somente darmos as mãos e caminharmos, mas antes, devemos buscar ter uma só *sabedoria, entendimento, conselho, força, conhecimento e temor*. Caso contrário, essa união será vã.

Portanto, como vimos, não é o intento de Deus que a igreja visível de Cristo esteja dividida como se encontra hoje, pois ela foi feita para ser uma.

A Escritura diz que “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação”, isso “porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (**2 Pedro 1.20 e 21**). Se Deus falou aos homens por meio de sua revelação, então, Deus tinha uma só interpretação quando intentou que ela fosse escrita e derramou o seu Espírito sobre ela para que todos tivessem o mesmo entendimento a respeito daquilo que Ele revelou. Sendo assim, é impossível que tenhamos múltiplas interpretações das Escrituras contrárias entre si e que todas elas sejam igualmente verdadeiras.

A unidade da igreja deve ser visível aos olhos dos homens “para que o mundo creia” que Cristo é o enviado de Deus (**João 17.18-23**). Quanto a isto, é até mesmo dever do poder civil “fazer com que a paz e a unidade sejam preservadas na igreja, que a verdade de Deus seja mantida pura e inteira; que todas as blasfêmias e heresias sejam suprimidas; todas as corrupções e abusos do culto e da disciplina sejam impedidos ou reformados; e todas as ordenanças de Deus sejam devidamente estabelecidas, administradas e observadas (**Is 49:23; Sl 122:9; Ed 7:23,25-28; Lv 24:16; Dt 13:5,6,12; 2Rs 18:4; 1Cr 13:1-9; 2Rs 23:1-26; 2Cr 34:33; 2Cr 15:12,13**)” (**Confissão de Fé de Westminster XXIII. III**). Em concordância com isso, a Confissão de Fé

Escocesa do século XVI diz que é “*dever dos reis, príncipes, governantes e magistrados*” zelar pela “*purificação e preservação da religião*”. E continua dizendo que eles “*não foram ordenados por Deus apenas para o governo civil, mas também para manter a verdadeira religião e para suprimir toda idolatria e superstição*”. Do mesmo modo, a Confissão Belga igualmente afirma que é dever dos magistrados “*proteger o santo ministério da igreja a fim de promover o reino de Jesus Cristo e a pregação da Palavra do Evangelho em todo lugar (Salmo 2; Romanos 13.4a; 1 Timóteo 2.1-4), para que Deus seja honrado e servido por todos, como Ele ordena na sua Palavra*”.

Assim sendo, é dever da nação como um todo (indivíduos, família, igreja e estado) buscar a unidade da igreja de forma visível para que o mundo creia que Cristo foi enviado. É necessário que tenhamos unidade e que uma igreja dividida não mais seja anunciada possuindo formas de fé variadas e distintas, mas antes, uma única igreja que busca um único Deus com um só espírito e a mesma fé, da mesma forma como buscavam os cristãos no antigo e no novo testamento.

Enquanto estivermos cada um lutando pela sua própria visão sem procurar dirimi-las para que possamos, de fato, ter tudo em comum, a igreja visível estará distante do seu propósito que é refletir a unidade que há entre o próprio Cristo e Seu Pai.

CAPÍTULO VIII

CONTRA A IGNORÂNCIA HISTÓRICA

Se por um lado, não podemos negar a catolicidade da igreja no que tange ao aspecto físico, ou seja, quanto ao seu local - afirmando que a igreja de Cristo se encontra unida em Roma ou acrescentando cada vez mais denominações ao invés de procurarmos a unidade na fé que pode nos dar um só entendimento sobre as Escrituras - por outro, também não podemos negar a catolicidade da igreja quanto ao aspecto temporal. A igreja existe por milênios e não podemos ignorar o fato de que Deus a preservou até ao presente momento e continuará a preservar. Não podemos agir como se a igreja tivesse nascido hoje e toda a teologia que foi desenvolvida anteriormente fosse de pouco valor para nós agora.

Cristo, ao ascender aos céus, *“deu dons aos homens” com o objetivo do “aperfeiçoamento dos santos [...] até que cheguemos à unidade da fé” (Efésios 4.8, 12 e 13)*. A unidade na fé é uma necessidade pois, caso contrário - de acordo com as próprias palavras de Paulo - seríamos como *“meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente” (v. 14)*. Se este é o real intento de Cristo, este que é o mesmo Deus de ontem, hoje e para sempre, então, Ele tem que ter preservado a interpretação correta das Escrituras ontem, hoje e continuará a preservá-la, pois,

como vimos, a Escritura não parte de interpretação humana, antes, é necessário que o próprio Deus nos ilumine por meio do seu Espírito (o mesmo Espírito que iluminou teólogos do passado) para que todos cheguemos à unidade na fé e tenhamos tudo em comum.

Quando olhamos a reforma, podemos ver exatamente isso. Os reformadores não se destacaram de todo o fluxo temporal pelo qual Deus preservou o Seu conhecimento, mas procuraram resgatar a fé histórica deixada pela igreja em seus primórdios. O objetivo deles era justamente mostrar que não criam em novidades, mas que criam na própria Palavra de Deus preservada durante os séculos. Com isso, a reforma nada mais é do que um desenvolvimento natural da teologia que nos foi deixada como legado durante a história.

Quando os teólogos da Irlanda, Escócia e Inglaterra se reuniram no ano de 1643 para nos legar os documentos produzidos em Westminster, estes homens assim o fizeram tendo como base toda a teologia que os reformadores já haviam deixado. A grande Assembleia de grandes teólogos dos três reinos se reuniu para desenvolver um documento que honrasse toda a história a qual Deus preservou durante os séculos. Não é a toa que esta mesma assembleia desenvolveu seus documentos com base em outros documentos como o catecismo de Genebra produzido por Calvino e a Confissão de Fé Escocesa, ambos desenvolvidos quase um século antes.

Quando Gui de Brés criou a Confissão Belga em 1561, sua intenção era mostrar aos opositores da igreja romanista

durante o reinado de Filipe II que eles eram verdadeiramente a igreja do Senhor e que estavam sendo perseguidos injustamente por conta das doutrinas históricas que pregavam. A confissão Belga, por sua vez, foi baseada na Confissão de Fé Gaulesa, ou Confissão de La Rochelle, confissão esta que foi desenvolvida em 1559. A confissão gaulesa por sua vez, foi baseada em escritos produzidos por Calvino.

Portanto, é inegável quando olhamos na história da igreja, a honra que estes homens davam a Deus por ter preservado durante a história a interpretação fiel das Escrituras. Tudo que vem como um ato posterior, é desenvolvido em cima daquilo que foi dito anteriormente, visando honrar os atos de Deus através da história.

Desprezar as doutrinas que a nós foram deixadas durante a história a custo de sangue, sofrimento e perseguição, é, no mínimo, uma falta de amor ao próximo e, por último, desprezar a providência de Deus e a noiva de Cristo. Desprezar tais doutrinas é remover os marcos antigos que os nossos pais estabeleceram (Provérbios 22.28) e condenar a igreja visível a andar por caminhos novos e tortuosos, caminhos que o Senhor não ordenou (Deuteronômio 17.3).

CONCLUSÃO

Com base em tudo que foi dito até aqui, cabe a nós pensarmos a respeito e avaliar a nossa conduta. Será que tenho buscado honrar os atos de Deus durante a história ou tenho desenvolvido teologia desprezando tudo que até agora nos foi dito? Será que tenho buscado a unidade da igreja como um reflexo da igreja invisível de Cristo ou tenho negligenciado esse meu dever? Será que o meu culto está em conformidade com a pureza do culto da igreja histórica, ou tenho cultuado a Deus da minha própria forma? Em suma, será que temos buscado a unidade da igreja, ou temos despedaçado o corpo de Cristo e desprezado a maneira como Deus agiu na história?

